

A aula assombrada por fantasmas e a didática especulativa

Adó, Máximo Daniel Lamela. ¹

Silva, Luiz Carlos Quirino da. ²

RESUMO

Neste ensaio, apresentaremos algumas questões relativas às condições de realização de uma aula minimamente autoral. Para isso, lançaremos mão de um aparato conceitual que transita entre a filosofia, a teoria literária, a literatura e a educação. Argumentaremos que qualquer tentativa de concepção de uma aula que pretenda tocar o novo estará vinculada à desobstrução do caminho repleto de lugares comuns de onde sempre partimos. Daí então, exploraremos a ideia da literatura (da leitura e da escrita) como fantasma, ser corpóreo-incorpóreo e que transita entre mundos, entidade feita de tempo e de devir, bem como as possibilidades contidas na especulação literária. Tanto o fantasma quanto a especulação nos ajudarão a colocar em perspectiva os seres que compõem o espaço-tempo da aula, possibilitando um começo dentro de algo que já começado.

Palavras-chave: educação; didática; literatura; fantasmas.

The class haunted by ghosts and speculative didactics

ABSTRACT

In this essay, we will present some questions about the conditions for a minimally authorial class. To do this, we will use a conceptual apparatus that moves between philosophy, literary theory, literature and education. We will argue that any attempt to conceive a lesson that aims to touch the new will be linked to clearing the path full of common places from which we always start. We will then

¹ Professor Adjunto no Departamento de Ensino e Currículo - DEC da Faculdade de Educação – FACED, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS). Email: maximo.lamela@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/577848045961210>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7643-1785>.

² Doutorando em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolve pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos AtEdPo - Ateliê de Educação Potencial. Participa do Grupo de Pesquisa POËIN - Microscopias. Educação. Email: luizcabelo1@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5561391678094943>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4715-8932>.



explore the idea of literature (reading and writing) as a ghost, a corporeal-incorporeal being that moves between worlds, an entity made of time and becoming, as well as the possibilities contained in literary speculation. Both the ghost and speculation will help us to put into perspective the beings that make up the space-time of the class, making it possible to make a beginning within something that has already begun.

Keywords: education; didactics; literature; ghosts.

El aula embrujada por fantasmas y la didáctica especulativa

RESUMEN

En este ensayo, abordaremos algunas cuestiones relativas a las condiciones para la realización de una clase mínimamente autoral. Para ello, recurriremos a un aparato conceptual que transita entre la filosofía, la teoría literaria, la literatura y la educación. Argumentaremos que cualquier intento de concebir una clase que aspire a lo nuevo estará necesariamente vinculado al despeje del camino saturado de lugares comunes desde los cuales solemos partir. A partir de ahí, exploraremos la idea de la literatura —de la lectura y la escritura— como un fantasma: un ser corpóreo-incorpóreo que transita entre mundos, una entidad hecha de tiempo y devenir, así como las potencialidades contenidas en la especulación literaria. Tanto el fantasma como la especulación nos permitirán repensar a los sujetos que habitan el espacio-tiempo de la clase, abriendo margen para un comienzo en el seno de algo ya comenzado.

Palabras clave: educación; didáctica; literatura, fantasmas.

INTRODUÇÃO, OU O FANTASMA DOS COMEÇOS

O texto deveria começar a partir deste ponto. Mas não temos tanta certeza de que ele está realmente começando. Gostaríamos de poder começá-lo. Quando começamos? Como se começa qualquer coisa? Começamos realmente ou todo começo é ilusório? Começar não é um problema menor, por isso acreditamos que ele deveria ser abordado com um pouco mais de calma. O filósofo Peter Sloterdijk parte de um conto de Jorge Luis Borges para então desenvolver algumas questões sobre o assunto. Trata-se, mais especificamente,



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

do conto *O livro de areia* (2009), que dá nome à coletânea. A história gira em torno de um homem que compra um livro sem começo nem fim, e o filósofo a utiliza para sugerir que não é que nunca começemos nada, a questão é bem outra: a dificuldade se apresenta quando desejamos começar do começo, digamos assim. Isto porque um livro começa a ser escrito muito antes de sua primeira página ganhar o mundo. A primeira página assenta-se sobre incontáveis outras que foram escritas antes, ou seja, assenta-se sobre toda a tradição precedente. Cristina Rivera Garza vai ainda mais longe, ela dirá que toda escrita é sustentada por um trabalho silencioso, tanto literário quanto extraliterário, realizado por muitas e muitos (Garza, 2024). O que possuiria relação com nossa própria vida. Suponhamos que alguém nos pedisse que contássemos o início de nossa existência, certamente tal narrativa não começaria pelo começo, ela se iniciaria pelo ponto que lembramos. Caso quiséssemos acessar o começo realmente, teríamos de recorrer ao relato de outras pessoas. “Quando começamos a narrar nossa história é porque, com toda certeza, não fomos nós que começamos desde o princípio, mas porque entramos apenas mais tarde [...]” (Sloterdijk, 2006, p.40, tradução nossa). Entre o início, contado por outros (nossos pais, por exemplo), e o início que nós mesmos conseguimos acessar existe uma lacuna intransponível.

Sandra Corazza nos apresenta uma reflexão bastante parecida, porém fazendo referência às atividades educacionais. Ela dirá que é um tanto ingênua a percepção do professor ou da professora que, ao iniciar uma aula, pensa estar diante de um quadro em branco, vazio. “O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula” (Corazza, 2012a, p. 23). Uma vez que o quadro já está bastante cheio, dirá ela, e todos os lugares já estão demarcados, até mesmo o da própria professora ou professor. Assim como Sloterdijk se questiona, com Borges, sobre a possibilidade de um começo primeiro, tanto na literatura quanto na vida, Corazza se indagará sobre as condições de possibilidade de uma aula própria, de uma aula autoral, digamos assim. Uma vez que existe também no campo educativo, e da didática, o peso de toda uma tradição. Tradição nada inocente, pois é constituída a partir do tensionamento entre forças de diversos atores sociais e políticos, cada qual sustentando as mais variadas convicções. Citando Tadeu, a educadora elencará algumas das materializações deste jogo político que podem incidir sobre uma aula:

[...] a) em primeiro lugar, dados de “conhecimento e verdade”, que determinam aquilo que é ensinado (o conteúdo) e a maneira



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

como é ensinado (a didática); b) em seguida, dados sobre “sujeito e subjetividade”, que indicam o modo de subjetivação que a aula pratica e a identidade do Eu que ela requer; c) após, dados referentes à definição de “valores e critérios”, que são exigidos, postos, impostos, instituídos pela aula; d) e, finalmente, dados sobre a “vontade de poder”, que indicam a favor de quem e do quê é realizado o confronto de forças na aula (Tadeu apud Corazza, 2012a, p. 23-24).

Como podemos ver, o início nunca se apresenta como um marco zero, e a professora ou professor que pretenda elaborar aulas um pouco mais interessantes terá de levar em consideração esses fatores. Planejar uma aula minimamente nova (autoral, criadora), conforme nos ensina Corazza, tem a ver com a tentativa de desobstrução do caminho repleto de clichês e de lugares comuns a respeito de “como dar uma aula” (Corazza, 2012a, p. 25). É bem provável que não consigamos transpor totalmente os obstáculos que impedem a criação de algo novo em termos de didática. Isso não significa, no entanto, a admissão da derrota. O que proporei aqui é muito mais certo rearranjo dos obstáculos, de modo a transformá-los em algo de outra ordem – em material a partir do qual algo novo poderá ser pensado. Tendo isso em conta, exploraremos alguns mecanismos da teoria e da ficção literária como uma das formas possíveis de produção daquilo que poderíamos entender como um modelo de ideias com a finalidade de intervenção na realidade da aula e em suas contradições. Sem, contudo, pretender resolver tais contradições, mas sim, como diria Donna Haraway (2023), ficar com o problema, instalar-se em seu interior, no tempo presente, e trabalhar com os materiais e as condições tal como eles se apresentam.

Proteger o enigma

A literatura – ou o que poderíamos chamar de procedimento ficcional, que engloba tanto o ato de leitura quanto o de escrita – é uma forma de existência. É uma maneira de dar forma à existência. Ela, contudo, não diz respeito simplesmente à vida tal como ela poderia ter sido, nem a como ela é, nem a como será. Trata-se de seu transbordamento de qualquer espaço e tempo: busca de uma totalidade impossível, da corporificação do que habita o estreito espaço entre o atual e o virtual, entre o corpo e a alma, de um dizer tudo como um redizer daquilo que já foi dito, dizer o novo como dizer de novo, dizer como



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

se fosse possível dizer (como se alguma vez houvesse sido). Batalha reiteradamente perdida e um exercício do impossível fundamental. Nascimento (2014), em prefácio a livro de Derrida, sugere que o dizer sempre inclui outras dimensões das quais se cala, assim como o revelar não o faz sem ao mesmo tempo velar certas feições do revelado. Ao falar do segredo literário em Derrida, dirá que se trata de:

[...] uma estrutura tal que seu segredo é tanto mais selado e indecível por não consistir, finalmente, num conteúdo oculto, mas numa *estrutura bifida*, a qual pode guardar indecidivelmente em reserva aquilo mesmo que confessa, mostra [...] (Derrida apud Nascimento, 2014, p. 30, grifo nosso).

Ao tentarmos escrever a totalidade, algo sempre escapa. Escrever é tarefa contraditória e destinada ao fracasso.

Orides Fontela, no poema *Oposição* (2015), depara-se com a mesma estrutura bifida:

Na oposição se contemplam/ os arcanjos contrários/ sendo a mesma existência/ em dois sentidos./ [...] Interfecundam-se no mesmo/ bloco de ser e de silêncio/ coluna viva em que a memória/ cindiu-se em dois horizontes./ (Sim e não no mesmo abismo do espírito) (Fontela, 2015, p. 139).

Estrutura que se bifurca para contemplar tanto escrita quanto vida.

Derrida, em seu livro *Essa estranha instituição chamada literatura* (2014), dirá que esta é uma instituição que nos proporcionaria certas condições, principalmente de liberdade, a partir das quais seria possível dizer tudo. Em suas próprias palavras:

Dizer tudo é, sem dúvida, reunir, por meio da tradução, todas as figuras umas nas outras, totalizar formalizando; mas dizer tudo é também transpor [*franchir*] os interditos. É liberar-se [*s'affranchir*] – em todos os campos nos quais a lei pode se impor como lei. A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. Desse modo, ela permite pensar a essência da lei na experiência do “tudo por dizer”. É uma instituição que tende a extrapolar [*déborderer*] a instituição (Derrida, 2014, p. 49, grifos do autor).



Nesse livro, resultado de uma longa entrevista, ele fala da descoberta da literatura, em sua juventude (sobretudo do impacto da leitura de *A náusea* de Sartre), e de sua perplexidade diante da possibilidade desse poder dizer tudo, do “[...] sentimento de existência como excesso, o ‘ser-em-demasia’, o próprio além do sentido que dava origem à escritura” (Derrida, 2014, p. 50).

A partir do que escreve Derrida, talvez possamos esboçar algumas conjecturas iniciais a respeito do uso, em educação, desses postulados sobre literatura. Com Corazza, adquirimos maior consciência das dificuldades, muitas vezes insuspeitas, que se interpõem no caminho de quem porventura pretenda produzir uma aula minimamente inventiva e, como consequência, percorrer, com ela, seus caminhos imprevistos. Derrida, como vimos, dirá que a lei da literatura consiste no desafio da própria lei, na possibilidade impossível de dizer tudo. Com ele aprendemos que é preciso, de alguma maneira, utilizar a lei contra si mesma. O que nos abre caminho para que pensemos na questão do quadro cheio de que fala Corazza. Libertar-se dos poderes (e dos clichês) que atravessam uma aula, pensamos, talvez passe pela utilização destes mesmos poderes contra eles próprios. Quiçá passe por uma tomada de posição estratégica que mais do que confrontá-los, instala-se no espaço contíguo existente entre a série de lugares comuns que os constitui atual e virtualmente. Rebelião discreta como um fantasma. Um pouco ao modo do que propõe Hakim Bey (2011) ao dar preferência ao termo rebelião em detrimento de revolução. Uma vez que, lembra ele, historicamente as revoluções sempre precederam a retomada por parte do Estado e a majoração de seus poderes. As rebeliões e as guerrilhas, por sua vez, libertam uma pequena área para, logo em seguida, desfazerem-se e refazerem-se em outro ponto. São temporárias e imprevisíveis.

Derrida percebia a existência e a literatura como algo da ordem do excesso. A aula também se caracteriza por algo que transborda qualquer margem, que não pode ser contido por meio de regras, instituições ou prédios, apesar das constantes tentativas. É uma instituição que extrapola a instituição. Porém, nela, o novo nunca parte de um início primeiro; nela, só se pode começar depois de já se ter começado, como propõe Sloterdijk (2006) ao refletir sobre a viabilidade dos começos.

Quanto à literatura, ao afirmarmos que ela é uma forma de existência, afirmamos igualmente que a existência é algo da ordem do excesso, daquilo que vaza por todos os lados e que não pode ser contido assim tão facilmente.



Revista Interritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Haroldo de Campos, fazendo referência a Wolfgang Iser, afirmará que “[...] o ato de fingir, no texto ficcional, manifesta-se como uma relação dialética entre o imaginário e o real [...]” (Iser apud Campos, 2006, p. 280), que extrapola o dado (a realidade material) e que poderia ser erroneamente tomada como mera dissimulação ou produto da imaginação. Em outra passagem, na qual fala do hermetismo de que seus poemas são acusados, Campos, citando Adorno, argumentará que a suposta impenetrabilidade, de alguma maneira, reproduz o espaço entre o sensível e o inteligível, entre o vivível e o escrevível (Barthes, 1980), isto é, certa ilegibilidade que compõe isto a que damos o nome de real: “A obra hermética, em seu interno mesmo, dá figura à fratura, àquela fratura que existe entre o mundo e a obra” (ADORNO apud CAMPOS, 2006, p. 281). Dá a ver a diferença irreconciliável (ou pura) dos arcanjos contrários de que fala Fontela, no poema apresentado alguns parágrafos acima, e “[...] inscreve a esperança [...] no movimento mesmo da desesperança” (Campos, 2006, p. 281). O que poderíamos entender como a instalação da ficção, da leitura e da escrita, no coração impossível do real: possibilidade do impossível até que se prove o contrário. Pois a arte possui sua própria maneira de antecipar, muito diferente daquela da vida e da ciência, conforme sugere Campos (2006, p. 82) ao citar Jauss: “[...] uma nova percepção das coisas, prefigurando um conteúdo de experiência que se exprime através da literatura antes de ter acesso à realidade da vida”. A ficção nos proporcionaria, entre outras coisas, um tipo particular de sensibilidade, muito parecida com a de determinados animais que conseguem pressentir os terremotos, por exemplo. A literatura nos ensina a pressentir, porém não para fugirmos, mas para irmos em direção ao abalo: “[...] bloco de ser e de silêncio/ coluna viva em que a memória/ cindiu-se em dois horizontes”, nas palavras de Fontela (2015, p. 139).

Ao nos lançarmos na tarefa impossível de dizer o que excede as palavras, com a ajuda da literatura, da ficção, estaremos empreendendo igualmente um alargamento da experiência. Menos em direção à compreensão do que da manutenção do espanto diante do vivido e do vivível. O que pode ser estendido à prática da aula. “Se nem tudo pode ser compreendido, nem tudo pode ser dito: o enigma precisa ser protegido. [...] a poesia precisa ser protegida [...]” nos dirá Gustavo Bernardo em prólogo ao livro de Vilém Flusser chamado *A dúvida* (2011, p. 17-18). Ou seja, lemos e escrevemos ficção para renovar, ou manter, o enigma da vida – para especular sobre coisas para as quais o intelecto é insuficiente.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Dar corpo aos fantasmas

A totalidade não pode ser apreendida pelo intelecto. Por isso também não pode ser dita. Persistirão sempre alguns pontos de sombra que escaparão à inteligibilidade – fantasmas do real. Analisando certos aspectos deste tema, o filósofo italiano Giorgio Agamben, no livro intitulado *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental* (2007), remontará a série de metamorfoses, de releituras e de reapropriações pelas quais passou uma ideia que, em algum momento, ocupara lugar importante no pensamento dos filósofos, mas que, por algum motivo, perdera seu status: trata-se do conceito de fantasma. Ele traçará, sobretudo, uma linha temporal que tem como ponto de partida Platão e Aristóteles (principalmente este), passando pelos escolásticos e pelos trovadores da idade média até chegar a Freud. Deter-se-á principalmente na leitura bastante *sui generis* de Aristóteles realizada pelos escolásticos. O que poderia ser resumido naquilo que chamará de “fantasmologia medieval” (Agamben, 2007): “[...] convergência da teoria da imaginação, de origem aristotélica, com a doutrina platônica do pneuma como veículo da alma, a teoria mágica da fascinação e aquela médica, das influências entre espírito e corpo” (Agamben, 2007, p. 50).

O fantasma, para os pensadores medievais, era um produto da fantasia, espécie de “corpo sutil da alma” (Agamben, 2007, p. 50), intermediário disposto entre as imagens exteriores emanadas pelo mundo e nossa sensibilidade, que, por vezes, poderia se desprender do corpo e de nossa natureza física, tocando, assim, o sobrenatural. Sua peculiaridade de habitar um espaço liminar, entre o corpóreo e o incorpóreo, possibilitaria a compreensão de fenômenos que sem ela seriam inexplicáveis. Conforme a tradição dos alquimistas na geneologia elaborada por Agamben:

É do espaço aberto pela sua obstinada intenção fantasmagórica que toma impulso a incessante fadiga alquimista da cultura humana, a fim de se apropriar do negativo e da morte, e de plasmar a máxima realidade apreendendo a máxima irreabilidade (Agamben, 2007, p. 50).

Ou num sentido contrário, pode-se promover um estranhamento dos objetos familiares na intenção de libertar as potências fantasmáticas contidas nessas forças relativamente inacessíveis. As artes (exemplo evocado pelo



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

filósofo por meio de uma gravura de Albrecht Dürer) constituem um procedimento radical a partir do qual os indivíduos tentam dar corpo aos fantasmas próprios ou coletivos (quase sempre indistinguíveis), mesmo estando expostos a uma temeridade psíquica muito grande, mas que é o preço a ser pago pelo conhecimento de determinadas dimensões da realidade. Análogo ao fetichismo descrito por Freud, tal objeto pode tornar-se algo concreto, não sem, ao mesmo tempo, constituir o espaço da presença de uma ausência, imaterial e de certa maneira inalcançável por “[...] remeter continuamente para além de si mesmo, para algo que nunca se pode possuir realmente” (Agamben, 2007, p. 50). No entanto, é preciso ter em mente a intuição lacaniana, perseguida por Agamben, de que o fantasma ocupa um espaço contíguo ao desejo: “[...] o fantasma torna o prazer próprio do desejo [...]” (Lacan *apud* Agamben, 2007, p. 133).

Nossa experiência de apreensão do mundo situa-se entre o inteligível, o sensível e o desejo. O autor nos mostra que o mecanismo da visão, em Aristóteles, autor incorporado à fantasmologia medieval, é explicado “[...] como um fluxo que vai do olho ao objeto, como uma paixão que a cor imprime no ar e que do ar acaba transmitida para o olho, em cujo elemento aquoso ela se reflete como em um espelho” (Agamben, 2007, p. 135). Conforme podemos perceber, para ele, o ato de ver é um produto da paixão (ou do desejo), que vai da sensação à fantasia, responsável pela produção do fantasma. Para Aristóteles, o fantasma é engrenagem imprescindível do ato de conhecer e da inteligência. Ele chega a afirmar que o próprio intelecto é um tipo particular de fantasia, o que ajudará a fundamentar a máxima escolástica de que “[...] o homem não pode entender nada sem fantasmas [...]” (Agamben, 2007, p. 136). E vai ainda mais longe, ao afirmar que a própria linguagem humana é mediada pelos fantasmas, pois, conforme argumenta, o que diferencia a voz humana dos sons emitidos por outros animais é a presença de algum fantasma que confere a ela significado. Conforme expressão de Agamben, o fantasma constitui “[...] o centro de uma constelação psíquica [...]” (2007, p. 137).

Interessa-nos, aqui, principalmente a ideia de que todo processo cognoscitivo, como vimos acima, ocupa um espaço liminar entre o sensível, o inteligível e o desejo (ou nossas paixões) e que, além disso, como afirma o filósofo medieval Averróis, lido por Agamben, é inseparável da especulação: “[...] um refletir-se de fantasmas de espelho em espelho; espelho e água são os olhos e o sentido, que refletem a forma do objeto, mas especulação também é a fantasia, que ‘imagina’ os fantasmas na ausência do objeto” (Agamben, 2007, p.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

144-145). Para os filósofos medievais, conhecer algo passava sempre pela dimensão imaginativa, única capaz de decodificar minimamente a série de espelhos onde a imagem da realidade se reflete.

Escrita Assombrada

Se, alguns parágrafos acima, afirmamos que a literatura é uma forma de existência, de lhe atribuir/moldar uma forma; agora, gostaríamos de complementar a sentença justapondo a ela a ideia de que a literatura é uma forma de existência (e de a ela dar forma) porque reflete a forma informe da vida mesma. Sobre o nada óbvio conceito de informe, Corazza (2012b, p. 1022) nos dirá que se trata de um tipo de força incontrolável, espécie de real-selvagem: “[...] rede dos elementos informes das forças de-Fora: mundo feito de significações pré-linguísticas; agitador de interações violentas com o pensamento; que evolui em permanência e forma novos mundos”. Algo que poderíamos ler do seguinte modo – a literatura devém realidade, porém de maneira espectral ou fantasmagórica, o que, como veremos a seguir, não configura uma contradição em sentido estrito. Pois a literatura se instala (se entrelaça) no núcleo da contradição mesma e a prolifera. A literatura é uma forma de existência e uma fantasmagoria, concomitantemente, uma vez que uma e outra ocupam um espaço de vizinhança que faz com que se misturem, e se complementem, sem que cada uma deixe de ser totalmente o que é.

Derrida nos dirá que o espectro (entendido aqui como sinônimo de fantasma) é uma forma que circula por um espaço intervalar entre dois mundos e, por isso, material e imaterial ao mesmo tempo: “[...] o espectro é uma incorporação paradoxal, o devir-corpo, uma certa forma fenomenal e carnal do espírito. [...] coisa difícil de ser nomeada: nem alma nem corpo, e uma e outra” (Derrida, 1994, p. 21). O espectro, ou fantasma, é um devir-corpo. Devir, nas palavras de Zourabichvili, é “[...] o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se ‘desterritorializam’ mutuamente. Não se abandona o que se é para devir outra coisa [...], mas uma outra forma de viver e de sentir *assombra* ou se envolve na nossa e a ‘faz fugir’” (2004, p. 24-25, grifo nosso). Por isso a literatura é uma forma fantasmagórica de existência e a existência uma forma espectral de ficção literária, porque – na leitura e na escrita, cada uma à sua maneira, mas habitando um mesmo complexo – a vida incorpora a



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

existência da escrita e o corpo do texto e vice-versa. Outra definição interessante, agora do termo fantasmagoria, é apresentada por Guilherme Sarmiento da Silva em tese sobre o fantasma no imaginário e na literatura romântica. Trazendo duas fontes diferentes sobre a etimologia da palavra, dirá:

Segundo etimologia levantada por Mannoni, a palavra *phantasmagoria* vem do grego *phantasma* – derivado de *phantazô*, eu faço ilusão –, e *agoureuô* – eu falo. Para Francisco Arthur da Silva, no *Dicionário da língua portuguesa*, de 1859, seria a junção de *phantasma* e *ágora*, sendo o sufixo correspondente à palavra grega traduzida por assembleia, o que daria algo como “assembleia de fantasmas” (Silva, 2009, p. 16).

Ou seja, a etimologia da palavra fantasmagoria coloca em evidência o fato de que ela carrega consigo a ideia de uma fala em grupo por parte dos fantasmas. Cristina Rivera Garza, por sua vez, dirá que o processo de escrita poderia ser descrito como um exercício de dar forma ao incontornável inacabamento do texto. Por este motivo considera toda escritura sempre uma reescritura, comunal por envolver uma infinidade de vozes, vivas ou mortas, que são invocadas por intermédio do texto, bem como algumas outras que o extrapolam e que geralmente não são ouvidas (Garza, 2024). Trata-se de uma possessão recíproca entre vida e texto ou existência e literatura: reescrita mútua visando corporificar o incorporificável. Escrever (também ler), entendido como reescrita (ou releitura), é o procedimento de lançar-se (e de lançar algo) no devir. Garza (2024) afirma que reescrever é procedimento inseparável de certo entrecruzamento de temporalidades, pois nos envolve em um movimento de voltar atrás e de ir adiante simultaneamente. Formulação que está em consonância com algumas ideias de Bergson, principalmente quando ele sugere que somente o tempo devém. Disto podemos deduzir que entrar em devir é igualmente transformar-se em movimento temporal. Logo, a escrita que devém, que produz (e que se produz como) algo novo, é aquela que consegue percorrer o tempo como um fantasma. Algo que podemos assistir no filme *A ghost story* (2017), por exemplo. Nele, um homem morre e se encontra preso à casa onde passou seus últimos dias. Então ele acompanha a passagem do tempo, a série de moradores e a transformação do local. Encontra-se preso ao espaço, mas existindo num tempo cuja duração é indefinida. O tempo passa, mas o espaço se mantém, mesmo sofrendo modificações. O motivo veremos a seguir com Bergson.



Revista Interritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Com a escrita conseguimos atingir o que poderíamos chamar de saturação ótima de devir-realidade, ou seja, de tempo. Não do tempo mecânico medido pelas horas, mas daquela modalidade temporal a que Bergson chamou de duração. A duração poderia ser definida, de maneira bastante resumida, como a temporalidade particular da existência de cada ser. A maneira (ou percepção) como cada um se lança na trama diferencial da realidade, estendida ao mesmo tempo sobre o passado e sobre o futuro (Bergson, 1999). Sobre ela, o filósofo dirá que:

[...] não há um ritmo único da duração; é possível imaginar muitos ritmos diferentes, os quais, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou de relaxamento das consciências, e deste modo fixariam seus respectivos lugares nas séries dos seres (Bergson, 1999, p. 243).

No entanto não se trata de um atributo meramente psicológico, ou que possa ser reduzido a este. A duração, nas palavras de Deleuze (1999, p. 23) em livro dedicado ao autor, estaria muito mais próxima de certa “[...] essência variável das coisas [...]”.

Além disso, é importante ressaltar que somente o tempo-duração devém, uma vez que a matéria e o espaço experimentam apenas mudanças mínimas se comparados ao primeiro. Daí a afinidade das ideias do filósofo francês com o fato do fantasma encontra-se irremediavelmente preso em um mesmo lugar no filme *A ghost story*. Por isso Deleuze, leitor de Bergson, apontará tal distinção de maneira a não restar dúvidas. Ele dirá que, efetivamente, há:

[...] de uma parte, o lado espaço, pelo qual a coisa só pode diferir em grau das outras coisas e de si mesma (aumento, diminuição); de outra parte, o lado duração, pelo qual a coisa difere por natureza de todas as outras e de si mesma (alteração) (Deleuze, p. 22).

Além disso, a duração é qualidade e não quantidade (Bergson, 2022). Disso decorre a injunção bergsoniana de que “[...] as questões relativas ao sujeito e ao objeto, à sua distinção e à sua união, devem ser colocadas mais em função do tempo do que do espaço” (Bergson, 1999, p. 75). Há tantas durações quanto seres (humanos e não humanos) distribuídos no mundo, redundando no fato de que uma escrita que ambicione falar deles deverá necessariamente se colocar em devir. Dito de outra forma, esta escrita necessitará assombrar e ser assombrada por tais seres e, ao mesmo tempo, corporificar aquilo que não



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

possui corpo e descorporificar aqueles que o têm – tornar-se escrita-fantasma, fantasmografia.

A escrita é corpo sutil da alma, tal como o fantasma fora chamado pelos filósofos medievais. Por meio dela, já não estaremos nos situando em uma posição de entendimento dos seres, mas sim numa pré-disposição que tem como resultado, nunca garantido, a partilha do tempo, a afecção mútua e a bifurcação rumo a algo ainda desconhecido. Por isso, como sugere Garza (2019), escrevemos e lemos sempre de forma coletiva, por meio dos livros que nos chegam e que reproduzimos, mesmo que involuntariamente, e que formam um tipo muito específico de imaginação coletiva.

A escrita é movida pela intuição. O fantasma é invocado por meio da escrita, principalmente da escrita ficcional. O fantasma é o corpo sutil da intuição que possibilita toda escrita ficcional. Apesar da dificuldade de distinção entre as duas propriedades da escrita fantasmagórica, ou seja, entre duração e intuição, é importante que tenhamos em mente de que não se trata da mesma coisa. Sobre tal distinção, Deleuze nos informa que:

A intuição não é a própria duração. A intuição é sobretudo o movimento pelo qual saímos de nossa própria duração, o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós (Deleuze, 1999, p. 23).

A intuição edifica pontes entre a infinidade de durações para que os fantasmas circulem. O tempo que dura, no entanto – apesar de se mostrar fragmentário, resultado do tensionamento do passado e do futuro sobre o presente –, é indivisível. Por meio da intuição podemos, ainda que de maneira frágil, tocar a totalidade da duração, e a escrita ficcional é ferramenta privilegiada para isso. Sobre tal indivisibilidade, Bergson (1999, p. 214) argumentará que:

A intuição pura, exterior ou interna, é a de uma continuidade indivisa. Nós a fracionamos em elementos justapostos, que correspondem, aqui a *palavras* distintas, ali a *objetos* independentes. Mas, justamente porque rompemos assim a unidade de nossa intuição original, sentimo-nos obrigados a estabelecer entre os termos disjuntos um vínculo, que já não poderá ser senão exterior e sobreposto. À unidade viva, nascida da continuidade interior, substituímos a unidade factícia de uma moldura vazia, inerte como os termos que ela mantém unidos.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Essa é provavelmente a fonte de certa totalidade impossível a que se refere Derrida na citação apresentada alguns parágrafos acima, ou seja, o fato de a literatura ser movida (ou assombrada) pelas forças da intuição. Pois ela desafia sua própria impossibilidade, faz dela substrato. “A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. [...] É uma instituição que tende a extrapolar [*déborder*] a instituição”, dirá Derrida (2014, p. 49, grifos do autor).

Toda invenção nada mais é do que uma tomada de posição, uma mudança de ângulo epistemológico e existencial que nos permite entrar em contato com os fluxos espectro-fantasmáticos por onde escoam as diferentes durações. Com a escrita não é diferente. Com a aula não é diferente. Poderíamos dizer que os fantasmas são multiplicidades qualitativas, por isso o método científico mostra-se insuficiente em face deles, são “[...] multiplicidades sem quantidade definida [...]” – como define Lapoujade (2017a, p. 44) ao tratar da diferença entre o objeto científico e o metafísico em Bergson – a serem percebidas e não computadas. Os fantasmas agrupam-se, pertencem a bandos, constituem famílias cujas proporções dizem respeito a certo “[...] número obscuro da qualidade [...]” (Lapoujade, 2017, p. 50). Isto também serve para a professora ou professor que pretenda produzir desvios dos lugares comuns da educação. Neste caso, deverão conduzir sua intuição por entre as diversas durações e seus fluxos espectro-fantasmáticos com os quais compartilhamos nossas existências.

Espectros e especulações

A ilusão de escrever a totalidade (a inteireza das coisas) carrega consigo necessariamente o empobrecimento da experiência do estar no mundo. Sobre tal ilusão, Alexandre Nodari (2015, p. 77) sugerirá que: “[...] ao contrário do que dizia Heidegger, o homem moderno não cria mundos, ele empobrece o mundo para estandarizá-lo [...]”. Nesse sentido, a literatura nos auxiliaria no, como já dissemos antes com Flusser, manutenção do mistério do mundo ou, mais precisamente, dos mundos. Levando em consideração que o argumento que defende certa universalidade do humano é insustentável, poderíamos dizer que o mistério dos mundos consiste na inacessibilidade da ontologia e, até certo ponto, da cosmologia dos seres cujos mundos fazem vizinhança com o nosso. Nodari argumenta, ainda, que isso não quereria dizer que não construímos mundos comuns por meio da leitura (num sentido muito parecido com Garza).



Revista Interritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

No entanto, por outro lado, o movimento desta leitura também nos mostra que tal universalidade do que é ser algo ou alguém e do mundo não é tão consistente quanto somos levados a crer, pois se trata de inacabável decomposição e recomposição:

[...] não lemos só para dar consistência a esse mundo, sustentá-lo ou entendê-lo (ciência, filosofia, etc.): também lemos para ver que ele não é tão consistente assim, que podemos transformá-lo, que ele é contingente (literatura, manifestos políticos, etc.) (Nodari, 2015, p. 78, grifo do autor).

Disso decorre nossa defesa da literatura (entendida como a articulação entre leitura e escrita) como a possibilidade de encontro com a multiplicidade de mundos e de seres, que só podem ser entrevistados de maneira bastante frágil, de viés, espectralmente. Observamos (lemos) por intermédio de uma perspectiva singular, que não pode mostrar sem ao mesmo tempo distorcer e que nos leva a reinventar. Movimento que abarca tanto o observador quanto o observado, porque “[...] a existência dos humanos é inseparável de sua relação com o mundo circundante e mediada por características vinculadas a movimentos de construção (ou de produção) e de escala (ou de perspectiva)” (Silva; Adó, 2021, p. 2).

Ecoamos os ensinamentos do escritor argentino Jorge Luis Borges quando este argumenta que toda invenção literária parte, ou faz parte (estejamos conscientes disso ou não), do que poderíamos chamar de uma poética (Monegal, 1980) ou de uma teoria (Piglia, 2006) da leitura. De leituras que se articulam labirinticamente na produção de um universo ficcional, em devir, fantasmático, na intersecção entre o real e o ficcional até perderem-se e encontrarem-se infinitamente. “O que importa neste universo de leitor é a potencialidade leitora, ou seja, as ínfimas relações que podem ser provocadas em leituras cruzadas” (Adó, 2016, p. 136). Ao lermos textos escritos ou o mundo mesmo, entramos e um jogo de perspectivas e, por isso, de reinvenção e de especulação.

Nodari faz uma leitura bastante interessante do escritor Juan José Saer (e por isso mesmo perspectiva, reinventa), dando mais uma volta no parafuso da perspectivação leitora. Ele dirá que a leitura:

[...] não se reduz à leitura de textos escritos, isto é, à leitura em sentido estrito, mas constitui uma *experiência* de contato com o



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

mundo e suas diferentes intensidades, uma prática ético-política (ou ecológica) de adquirir uma consistência singular, mas sempre fugidia, no encontro com as multiplicidades, um habitat (sempre precário e finito) no cosmos, ou seja, uma experiência de antropologia e cosmografia, uma *antropologia especulativa*. Todo mundo lê (o mundo) o tempo todo (Nodari, 2015, p. 78).

A trama que envolve a literatura (ou a ficção) e aquilo que chamamos um tanto vagamente de realidade (quase sinônimo de verdade) não pode ser desatada assim tão facilmente, pois corremos o risco de que, ao final do processo, não sobre nada. Saer – autor do qual Nodari faz uma releitura da ideia de literatura como antropologia especulativa – sugere que a atribuição de maior positividade à verdade em relação à ficção é apenas uma “fantasia moral” (Saer, 2014, p. 11, tradução nossa). A verdade, conforme reflete o autor argentino, é constituída por uma complexidade que extrapola os limites da forma textual em que geralmente é enquadrado o relato composto por fatos verificáveis. Sua ideia, no entanto, não é a de colocar em dúvida a importância da verdade, seja lá o que esta palavra queira dizer, mas de explorar formas que confirmam um caráter menos rudimentar a ela. Não como reivindicação do falso ou falseamento da verdade em nome da mentira, mas de utilização do falso como forma de ampliar a força da ficção, misturando o empírico e o imaginário (Saer, 2014).

Entre a ficção (a literatura) e a verdade (a realidade) circulam os fantasmas que nos ajudam a perspectivar a leitura e a escrita de textos, do mundo e dos seres que o compõem. Entre as duas circulam fantasmas que nos ajudam a compor uma realidade menos rudimentar na qual as posições entre sujeito e objeto intercambiam-se. O leitor ou a leitora são aqueles que se lançam em tal troca de lugares momentânea, que evidencia que “[...] o eu atual (sujeito) é apenas a posição relacional em um conjunto de eus possíveis (objetos) [...]”, dirá Nodari citando Maniglier (2015, p. 79). A literatura pode ser considerada uma espécie de antropologia especulativa porque nos faz entrever (e sonhar com) outros seres e mundos que poderiam ser nós mesmos e nossos mundos. Pois “[...] todos os seres existentes e inexistentes são humanos porque podemos participar de forma subjetiva de sua existência, obliquarmo-nos como se fôssemos eles” (Nodari, 2015, p. 81). A antropologia especulativa, oportunizada pela ficção, perspectiva nossa visão e, desta maneira, abre as portas para realidades potenciais.



Revista Interritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

E especulação, aqui, talvez possa ser tomada não apenas como sinônimo de imaginação, mas também, em um sentido filosófico, de criação de modelos compreensivos e de intervenção na própria realidade. Extrapolando o que disse Saer e Nodari, poderíamos nos referir a Whitehead (2010, p.23), que assentou as bases da filosofia especulativa, principalmente porque ele sugere que: “A filosofia especulativa é a tentativa de estruturação de um sistema de ideias gerais coerente, lógico e necessário, nos termos do qual todos os elementos de nossa experiência possam ser interpretados”. Sobre o caráter especulativo da filosofia de Whitehead, Isabelle Stengers dirá que ela serve menos à resolução das questões filosóficas do que como um tipo de operação destinada a transformar seus eventuais leitores, ou seja, muni-los de ferramentas conceituais que possam se contrapor aos “efeitos de verdade” (Stengers, 2020, p. 28, tradução nossa) que permeiam ciência e filosofia. Não resolvemos os problemas. Ao contrário, ficamos com eles e formulamos outros tantos.

Em educação, mais especificamente, lançaremos mão da fantasmografia – esta escrita-fantasma, escrita-que-invoca-fantasmas, para perspectivar os diferentes seres (humanos ou não) que compõem uma aula. Se Saer e Nodari falam de uma antropologia especulativa, nós, de nossa parte, falaremos em uma fantasmagoria especulativa, o que é quase uma redundância. Lembremos da etimologia da palavra fantasmagoria, que carrega consigo a ideia de fala e de assembleia, pois, com a ajuda da fantasmografia, faremos um movimento de contato (de colocar-se no lugar de) com as diferentes durações que convocamos para a aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O QUADRO CHEIO

Corazza, como vimos no começo deste texto, argumentará que o problema com que se depara a professora ou o professor, problema que diz respeito aos inícios, não é o do quadro em branco – equivalente, em literatura, à folha em branco de quem pretende escrever –, mas sim o do quadro cheio. Pois toda aula já se encontra em andamento muito tempo antes da chegada da docente ou do docente ao local de sua realização.

Tal questão não precisaria ser encarada necessariamente como um problema em nossa opinião. O problema, algo da ordem do infortúnio e que, portanto, necessitaria de uma solução, poderia ser transformado em



Revista Interritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

problemática. Isto é, em um conjunto de elementos heterogêneos, quase sempre contraditórios e disparatados, mas que são essenciais à formulação do novo. Se Whitehead afirma que a especulação serve para que possamos engendrar um sistema filosófico coerente, gostaríamos de, seguindo seus passos, sugerir que a especulação, em educação, tem como finalidade a elaboração de um sistema coerente de ideias e conseqüentemente de práticas a partir dos problemas reagrupados e transfigurados em uma problemática que faça algum sentido. Sentido possível para uma aula específica, para o acontecimento que toda aula que tem como objetivo a produção de pensamento deveria almejar. Acontecimento no sentido de uma ocorrência pontual que possui a capacidade de mudar a rota prescrita para determinados eventos. Zourabichvili (2016, p. 33), ao falar do tema do acontecimento, dirá que:

[...] o acontecimento é menos o advir absoluto de um nascimento sobre o fundo de negatividade (nada ou *doxa*) do que um devir em que o antes e o depois brotam ao mesmo tempo, ao longo de uma cesura que o pensamento não pode reduzir [...].

Ou seja, o acontecimento é algo para o qual nossa cognição não possui ferramentas suficientes. Mas que justamente por isso põe o pensamento em movimento. No prefácio do mesmo livro de Zourabichvili, Orlandi (2016, p. 11) dirá que, em Deleuze, por exemplo, o acontecimento envolve sempre um movimento de “[...] conexão de heterogêneos, a necessidade do acaso, a surpresa dos devires [...]”.

No entanto é preciso ter em mente o fato de que um sistema coerente de ideias, ou seja, lógico, não necessariamente seguirá os parâmetros da racionalidade corrente. Lapoujade, ao tratar da lógica aberrante a partir da qual opera Deleuze, dirá que nem sempre a lógica é sinônimo de racionalidade. Deleuze, tanto em seus escritos individuais quanto naqueles em parceria com Guattari, procurou continuamente identificar (o que em muitos momentos confundiu-se com inventar) a lógica subjacente a cada assunto por ele tratado. “Criar um conceito é criar a lógica que o vincula a outros conceitos”, dirá Lapoujade (2015, p. 13). Isto é, criar lógica, criar um sistema coerente, é procedimento análogo ao procedimento de leitura. Leitura entendida, aqui, como ato de perspectivação da realidade, de perspectivação tanto do eu quanto dos outros seres com quem dividimos o mundo.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O quadro sempre está cheio porque nada pode ser criado do zero. O que não quereria dizer que isto não possuiria implicações a serem levadas em conta, nem que a criação e a autoria de uma aula sejam impossíveis. Dito de outra forma, trata-se do impossível a ser perseguido tal como nos mostra Derrida ao falar da literatura. Por isso a aula, por mais contraditório que isto soe, devirá realidade quanto mais especularmos sobre ela com as ferramentas da literatura. Realidade, porém, ao modo espectral ou fantasmagórico: jogo de espelhos entre aula, ficção e realidade. Totalidade que não pode ser apreendida pelo intelecto e que, por isso mesmo, não deveria ser o objetivo. No fim das contas, a aula mostra-se, ela também, um fantasma. Mas, justamente por isso, a busca pela invenção e pela autoria da aula torna-se possível. A professora e o professor não entram nem saem da aula, porque, ao obterem sucesso em engendrar o novo, perambularão entre os elementos que compõem a ficção da aula e da realidade. Perambularão pelo entre-lugar a que podemos dar o nome de devir: corpo sutil da aula.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 00122

REFERÊNCIAS

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Aporias literárias: questões borgeanas na educação. **Revista Digital do LAV**, vol. 9 (n. 2), p. 133-145, mai./ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734823517>. Acesso em: 20 fev. de 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

A ghost story. Direção: David Lowery. Produção: Sailor Bear; Ideaman Studios; Zero Trans Fat Productions. Estados Unidos: A24, 2017. (92 min.). Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/0OMRUQRMYT96VITNSUH5S4LE8T/ref=atv_dp_share_cu_r. Acesso em: 1 jun. de 2020.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Lisboa: Edições 70, 1980.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.
Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

- BERGSON, Henry. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, Henry. **A ideia de tempo**: Curso no Collège de France (1901-1902). São Paulo: Editora UNESP, 2022.
- BERNARDO, Gustavo. Apresentação de Gustavo Bernardo. In. FLUSSER, Vilém. **A dúvida**. São Paulo: Editora Annablume, 2011, p. 7-20.
- BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. Trad. Patricia Decia; Renato Resende. São Paulo: Conrad, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAMPOS, Haroldo de. Ficção como fundação. In. CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006, p. 279-282.
- CORAZZA, Sandra. **Didaticário de criação**: aula cheia. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012a.
- CORAZZA, Sandra Mara. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. **Educação & Realidade**, v. 37 (n. 3), p. 1009-1030, set./dez. 2012b. Disponível em:
<https://www.scielo.br//edreal/a/WV9G6rgm6xz4Y6bx6ZNhGyy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FONTELA, Orides. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Hedra, 2015.
- GARZA, Cristina Rivera. **Os mortos indóceis**: necroescritas e despropriação. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** São Paulo: Editora n-1, 2015.

LAPOUJADE, David. **Potências do tempo.** São Paulo: Editora n-1, 2017.

MONEGAL, Emir Rodríguez. **Borges:** uma poética da leitura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Evando. A literatura à demanda do outro. In. DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura:** uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 7-42.

NODARI, Alexandre Andre. A literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll**, v. 1 (n. 38), p. 75–85, 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ORLANDI, Luiz B. L. Prefácio. In: ZOURABICHVILI, François. **Deleuze:** uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor.** São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SAER, Juan José. **El concepto de ficción.** Buenos Aires: Editora Seix Barral, 2014.

SLVA, Guilherme Sarmiento da. **Dinâmica das almas:** fantasmagoria romântica no Brasil (1830-1850). [Tese]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Luiz Carlos Quirino da; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Existências mínimas em educação: algumas considerações sobre construção e escala. **Educação**, v. 47 (n. 1), p. e100/1-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/64462>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SLOTERDIJK, Peter. **Venir al mundo, venir al lenguaje: lecciones de Frankfurt.** Valencia: Editora Pre-textos, 2006.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

STENGERS, Isabelle. **Pensar con Whitehead**: una creación de conceptos libre y salvaje. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2020.

WHITEHEAD. Alfred North. **Processo e realidade**: ensaio de cosmologia. Lisboa: Centro de filosofia da universidade de Lisboa, 2010.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2004.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

Submissão em 24 de março de 2025.

Aceite em 07 de março de 2026.



Revista Interterritórios, Caruaru, v. 12, n. 21, e267063, 2026.

Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 2525-7668.

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2026.267063>

Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).